

RAZÃO POÉTICA E EXISTÊNCIA: A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E POESIA NO PENSAMENTO DE MARÍA ZAMBRANO

POETIC REASON AND EXISTENCE: THE RELATIONSHIP BETWEEN PHILOSOPHY AND POETRY IN THE THOUGHT OF MARÍA ZAMBRANO

Bruno José do Nascimento Oliveira¹
José Kauan Dias dos Santos²

Resumo:

O presente artigo investiga a relação entre filosofia e poesia na obra da filósofa espanhola María Zambrano (1904-1991), tendo como eixo central o conceito de razão poética. A partir da análise de *Filosofia e Poesia* (1939), obra produzida durante o período de exílio da autora, o trabalho percorre três movimentos articulados. Primeiro, situa a trajetória biográfica de Zambrano como condição constitutiva de seu pensamento, argumentando que o exílio não é dado periférico, mas sim figura epistêmica que sustenta sua maneira de filosofar à margem das categorias estabelecidas. Segundo, reconstrói a dicotomia histórica entre filosofia e poesia a partir de sua origem na *República* de Platão, problematizando a leitura que reduz a expulsão dos poetas a uma rejeição simples da linguagem poética e apontando a ambiguidade que o próprio Platão deixa em aberto. Terceiro, examina a proposta zambraniana de razão poética como modo de conhecimento que opera por dentro da experiência, sem abandoná-la em direção ao conceito abstrato, articulando-a com a noção de mistério presente em *El hombre y lo divino* e com a crítica ao modelo racionalista que exclui tudo aquilo que resiste à formalização. Conclui-se que a razão poética não representa uma dissolução do rigor filosófico, mas sua ampliação em direção a formas de saber que a tradição dominante havia marginalizado.

Palavras-chave: María Zambrano; Razão poética; Filosofia e poesia; Exílio. Conhecimento

Abstract:

This article examines the relationship between philosophy and poetry in the work of the Spanish philosopher María Zambrano (1904–1991), centred on the concept of poetic reason. Drawing on an analysis of *Philosophy and Poetry* (1939), a work written during the author's years in exile, the study develops through three interconnected lines of inquiry. First, it situates Zambrano's biographical trajectory as a constitutive condition of her thought, arguing that exile is not a peripheral given but an epistemic figure that sustains her way of philosophising at the margins of established categories. Second, it reconstructs the historical dichotomy between philosophy and poetry from its origins in Plato's *Republic*, problematising the reading that reduces the expulsion of the poets to a simple rejection of poetic language and pointing out the ambiguity that Plato himself leaves open. Third, it examines Zambrano's proposal of poetic reason as a mode of knowledge that operates from within experience, without abandoning it for abstract concepts, articulating it with the notion of mystery present in *Man and the Divine* and with her critique of the rationalist model that excludes whatever resists formalisation. The article concludes that poetic reason does not represent a dissolution of philosophical rigour, but rather its expansion towards forms of knowledge that the dominant tradition had marginalised.

Keywords: María Zambrano; Poetic reason; Philosophy and poetry; Exile

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) Email: brunophb08@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2113132589257296>

² Discente do curso de licenciatura plena em Filosofia Email: josekauan217@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1125869986878585>

Introdução

O presente artigo tem como objetivo investigar a relação entre filosofia e poesia na obra da filósofa espanhola María Zambrano (1904-1991), com foco no conceito de razão poética desenvolvido em *Filosofia e Poesia* (1939). A escolha por Zambrano justifica-se tanto pela relevância de seu pensamento para os debates contemporâneos sobre os limites da racionalidade quanto pela escassez de estudos sobre sua obra no contexto acadêmico brasileiro. O trabalho está organizado em três movimentos: primeiro, situa a trajetória biográfica da filósofa como condição constitutiva de seu método; segundo, reconstrói a dicotomia histórica entre filosofia e poesia a partir de sua origem em Platão; terceiro, examina a proposta zambraniana de razão poética como modo de conhecimento que opera por dentro da experiência. A hipótese central que orienta a análise é a de que a razão poética não representa uma dissolução do rigor filosófico, mas sua ampliação em direção a formas de saber que a tradição dominante havia marginalizado.

María Zambrano foi uma importante filósofa espanhola. Apesar de seu reconhecimento internacional, seu pensamento ainda é pouco conhecido no Brasil. Por isso, quando abordamos suas ideias, faz-se fundamental também adentrar um pouco em sua vida, devido ao fato de a intelectual não ser muito estudada no campo acadêmico atual. Além disso, o contexto de sua vivência sustenta todo o mote de sua obra filosófica, inserindo nela um caráter próprio existencial.

A trajetória de Zambrano não é mero pano de fundo biográfico: ela é constitutiva de seu método. O exílio, a marginalidade em relação aos centros europeus de pensamento e a necessidade constante de reelaborar sua identidade intelectual em contextos adversos tornam sua filosofia inseparável das condições concretas de sua produção.

Zambrano nasceu em Vélez-Málaga na Espanha, em 22 de Abril de 1904. Foi discípula de Ortega y Gasset e de Xavier Zubiri, sua trajetória filosófica possui forte influência desses dois nomes. Algo importante de se entender é o motivo pelo qual ela seguiu a Filosofia. Na obra biográfica da filósofa, escrita por Ortega Muñoz, temos o seguinte exposto:

Um último motivo decidiu a sua vocação: María Zambrano decidiu estudar filosofia “para salvar” o seu pai. Homem inquieto, os problemas metafísicos o angustiam, o sentido da vida e da morte, o silêncio de Deus. Don Blas sofreu graves crises de depressão. Ela descobriu, ou pensou ter descoberto, que seu pai estava tentado a cometer suicídio, e que ele pode até ter tentado fazê-lo (Muñoz, 2006, p. 41, tradução nossa).

Sendo filha de dois professores, a pensadora sofreu forte influência de seu pai ao longo de sua vida, sendo que os principais motivos de sua escolha filosófica partem da sua convivência com ele. Além da larga quantidade de obras filosóficas que tinha à sua disposição, surge um motivo que impulsiona seu desejo por filosofia: ajudar o pai. A crise existencial de Don Blas motiva Zambrano a buscar um apoio para tentar, de alguma forma, salvá-lo de sua depressão. Seja filosoficamente, seja politicamente, o pai de Zambrano contribuiu para a maneira como ela via o mundo e como seguiria nele. A mãe dela também foi fundamental em sua criação, pois foi quem a inspirou fortemente em seu caráter religioso, característica esta que permeia toda sua obra.

A filósofa inicia seus estudos em Filosofia na Universidade de Madrid, na Espanha. Era a primeira vez que havia mulheres estudando filosofia na

universidade espanhola, tanto é que ela era uma das poucas de sua classe. Esse foi um ganho fundamental para a representação ativa das mulheres na sociedade, assim como na Filosofia. Nesse contexto, conheceu os professores que deixaram marcas indispensáveis, influenciando a pensadora em sua forma de escrever e de conduzir suas produções. Evidentemente, ela não ficaria presa a essas influências iniciais, mas não se pode negar o exorbitante impacto que a universidade teve no caminho de seu pensamento e de sua história.

Na vida da pensadora, outro momento basilar foi o período de seu exílio. Essa parte de sua vida foi carregada de transformações pessoais, sendo um momento decisivo de mudança no pensamento de Zambrano. Para entender o motivo dela ter sido exilada, basta entender o cenário em que a filósofa se encontrava. A Espanha vivia um momento ditatorial³, conhecido como franquismo⁴, em que diversos pensadores eram perseguidos e, naturalmente, ela não foi exceção. Sobre esse contexto de sua vida, em uma fala dela na obra de Ortega Muñoz, ela diz o seguinte:

Para mim, o exílio (foi) fecundo, pois me deu liberdade de pensamento e angústias econômicas que não teria tido na Espanha, pois teria facilmente conquistado uma cátedra, mas teria me acomodado (?) amarrado como se eu fosse um artista como Picasso, que quando se viu fora da Espanha abriu as asas [...] Não posso conceber a minha vida sem o exílio que vivi. O exílio tem sido como a minha pátria, ou como uma dimensão de uma pátria desconhecida, mas que, uma vez conhecida, é inalienável (Zambrano *apud* Muñoz, 2006, p. 67, tradução nossa).

A filósofa sai para o exílio em 29 de janeiro de 1939 e retorna apenas em 1984, permanecendo 45 anos exilada. Durante esse período, esteve fora de países Europeus, fora dos núcleos tradicionais da Filosofia, distante do pensamento eurocêntrico. Isso foi suficiente para gerar uma nova maneira de pensar, uma nova maneira de propor seu caráter intelectual. O primeiro país, em que ficou alojada, foi o México. Nesse lugar, Zambrano exerceu o ofício da docência de maneira excessiva. Na Universidade de San Nicolás de Hidalgo de Morelia, onde trabalhou, existiam dois problemas para o exercício de sua profissão: ela tinha uma carga horária exaustiva e tinha de obedecer aos ideais marxistas impostos pelo ambiente.

³ A Guerra Civil Espanhola foi um momento de caos que ocorreu na Espanha entre os anos de 1936 e 1939, envolvendo grupos republicanos e nacionalistas. Devido à crise que a monarquia espanhola sofria desde o início do século XX, movimentos populares surgiram visando a derrubar o regime monárquico e, como resultado, conseguiram tal objetivo, com isso, os republicanos assumiram o poder. Entretanto, as elites se uniram num partido conhecido como "Falange Tradicionalista Espanhola das Juntas Ofensivas Nacional-Sindicalista", buscando impedir as reformas que eram consideradas socialistas, como a reforma agrária. Esse partido, considerado nacionalista, era liderado pelo general Francisco Franco. A guerra civil foi destacada pelo golpe de Estado feito por Franco. As tropas governistas lutaram contra as tropas franquistas até a vitória de Franco, em 1939, resultando no regime totalitário que ficou conhecido como franquismo.

⁴ O franquismo foi o regime autoritário liderado por Francisco Franco na Espanha, entre 1939 e 1975, após a Guerra Civil Espanhola. O exército guiado por Franco obteve vitória com o apoio de potências totalitárias. Visando a restaurar uma Espanha tradicionalista e tornar o poder centralizado, o franquismo impôs opressão com uma censura forte, promoção de um nacionalismo extremo e uma parceria com a Igreja Católica. Nesse período, diversas pessoas acabaram sendo exiladas pelos seus ideais políticos ou por sua maneira de pensar. O espaço para o livre pensamento e a valorização da arte tornou-se inexistente, já que qualquer ação que fugisse das conformidades daquele governo geraria uma punição. O fim desse período se dá em 1975, com a morte de Francisco Franco e com a transição para a democracia.

Evidentemente, ela teve que se adaptar ao seu contexto novo para que pudesse sobreviver nesse local que, para ela, era estrangeiro.

Esse cenário implica em uma necessidade de produção anormal. Nesse momento do exílio, a pensadora começa a produzir muito e a se distanciar do pensamento de Ortega y Gasset, o que até então era muito presente em sua filosofia. Um limbo existencial é o que viveu fora de sua terra, em um ambiente totalmente diferente do que vivia, Zambrano cresce e floresce na sua obra, os mais belos frutos. Algumas obras fundamentais como *Filosofia y Poesía* e *Pensamiento y poesía na vida española* são produzidas nesse contexto de estadia no México. O exílio deu mais liberdade para Zambrano, no sentido de estar desvinculada do contexto europeu, agora ela tinha garantida a capacidade de escrever aquilo que desejasse, estando distante da filosofia tradicional. Isso lhe garantiu um salto de maturidade indispensável.

Ainda nesse contexto, a autora diz: “Acredito que o exílio é uma dimensão essencial da vida humana, mas quando o digo queimo os lábios, porque gostaria que não houvesse mais exílios” (Zambrano *apud* Muñoz, 2006, tradução nossa). É perceptível o sentimento ambivalente de Zambrano quanto ao exílio. Se ele é fundamental para a sua escrita, é também uma espécie de desterro involuntário, no qual o exilado perde sua pátria e tem de criar no estrangeiro outra forma de vida. De todo modo, a filósofa, ausente de seu local de gênese, mas com suas asas mais abertas do que nunca, pode voar o mais alto que puder. Uma relação de necessidade e de amor com a sua situação, derivando a criação de um pensamento à margem da tradição. Unindo religião, filosofia e poesia, a pensadora traz um caráter único para suas obras, uma qualidade mais palpável e menos abstrata do seus escritos. Unindo pensamento e poesia, materializa a possibilidade do pensar por meio de sua escrita extremamente original.

Em *Carta sobre el exílio* escrita em 1961, a filósofa ressalta o impacto de seu exílio, dizendo que:

O nosso silêncio, o silêncio dos exilados, que tão pouco falaram sobre o exílio apesar de terem podido fazer tanto, mostra que não se seguiu o caminho da justificativa, por onde se desfila armado de razões reluzentes, mas aquele outro que nem parecia ser um caminho: o de ir se despindo de irracionalidades e até de razões, de vontade e de projetos. Ir se despindo cada vez mais de tudo isso para ficar nu e desencarnado; tão só e afundado em si mesmo e ao mesmo tempo ao relento, como alguém que está nascendo; nascendo e morrendo ao mesmo tempo, enquanto a vida segue. A vida que lhe deixaram sem que ele tivesse culpa disso: toda a vida e o mundo, mas sem espaço nele, tendo que viver sem conseguir acabar de estar, uma coisa tão necessária (Zambrano, 1961, tradução nossa).

O exílio, parafraseando Zambrano, é, assim, um “nascer e morrer”, uma constante contradição. Estar longe de si mesmo, de sua história, de sua terra, mas, ao mesmo tempo, estar livre e tão cheio de si. Não se segue o caminho da justificativa, pois não se aceita explicando, mas sim se despindo, vivenciando essa experiência abissal que é o exílio. Nesse lugar sem-lugar (atópos) e sem referências conhecidas, ela larga o véu da racionalidade e de seu oposto, bem como se liberta das amarras de sua própria sentença histórica. Por isso, a autora valoriza tanto seu desterro, pois, sem ele, ela não poderia nascer de novo. Para criar o novo, é fundamental perder algo, de certa maneira, perder-se para poder se encontrar naquilo que é o mais distante de si mesmo. O exilado está no mundo, mas não se encaixa nele, entretanto deve continuar caminhando pelos precipícios da aceitação

e da justificação, ele deve ser o mártir da sua própria reconstrução. O desamparado sem lar deve fazer do lugar que for sua casa. Sem o exílio, esse exílio existencial e ontológico, não existiria Zambrano.

Além de um processo revolucionário intelectual, a pensadora teve diversas complicações fora da Espanha. Uma das principais, sem dúvidas, foi a luta cotidiana pela possibilidade de sobrevivência, de sustento. Uma coisa levou a outra, as demasiadas produções e as necessidades de trabalho fizeram o seu nome ser reconhecido fora da sua casa, mas, ao mesmo tempo, começaram a prejudicar a sua saúde. Era uma constante luta por subsistência que devia travar, mas, mesmo se esforçando muito, as oportunidades forneciam pouco e, por vezes, ela chegava até a ficar sem ter o que comer. Em uma situação de luta pela própria sobrevivência, não se tem outra escolha senão a de produzir o máximo que puder. Entretanto, aquela habilidade que lhe mantém viva é a mesma que lhe adocece.

Até nessas condições a sua filosofia flui, o pensar dos desamparados, o refletir da margem. Ela viu de perto o limite de sua existência, desfrutou do pior e, ainda por cima, fora de seu lar, ausente de sua terra. Em prol de sua ascensão, vieram sacrifícios que a acompanhavam. Teve que se desprender de si mesma, tal como um pêndulo do ir e vir sem cessar. Mas poderia se esperar menos de uma filósofa que busca ir além da filosofia tradicional, além de seus limites? Por isso, é pouco provável falar de Zambrano sem falar de sua história. É palavra escrita com o sangue de sua carne, que sangra a todo momento pela sua realidade, que é cruel, mas, segundo ela mesma, necessária. Ela vive o que escreve, pois sua condição vive pela escrita.

Após seus 45 anos como exilada, ela retorna para a Espanha em 20 de Novembro de 1984. É importante ressaltar que a sua relevância, até então, tinha sido reconhecida em todos os lugares por onde passou, menos no seu país de origem. Na sua casa, ela ainda era pouco conhecida, não se sabia muito sobre essa grande pensadora. Como ela mesmo diz em sua *Carta sobre el exílio*: “Para eles o exilado deixou de existir, quer ele volte ou não. Se eles lhe derem um momento de atenção, deve ser simplesmente para ficarem surpresos por ainda haver exilados” (Zambrano, 1961, tradução nossa). Somente com seu retorno, a filósofa ganha destaque e reconhecimento por parte da universidade espanhola e, durante esse período final de sua vida, recebe inúmeros prêmios por parte da academia.

Em 1988, Zambrano recebeu o prêmio Miguel de Cervantes. Este foi um feito histórico, pois foi a primeira mulher da história a receber essa honraria. No ano seguinte, ela concorre ao prêmio Nobel de literatura, ressaltando ainda mais sua grandeza enquanto pensadora e sua relevância para a história da luta pela representação da mulher. Ainda em 1989, é homenageada pelo Instituto de la Mujer, que percebe sua influência e sua importância. Por fim, cabe ressaltar que a história da pensadora é grandiosa e extremamente inspiradora. Mesmo com diversas reviravoltas, ela conseguiu propor um caráter inovador na forma de pensar, revolucionou uma filosofia que parecia morta e construiu o seu nome na história do pensamento ocidental.

A recepção do pensamento de Zambrano no Brasil é ainda incipiente, mas crescente. Os poucos trabalhos disponíveis em português tendem a enquadrá-la ora como filósofa existencialista, ora como pensadora da mística, sem que nenhuma dessas classificações dê conta da especificidade de seu projeto. O problema dessas leituras parciais é que elas isolam um aspecto da obra sem perceber que, em Zambrano, religião, poesia e razão não são dimensões separadas: são faces de um mesmo esforço de compreensão da condição humana. Como

aponta Bezerra, o pensamento zambraniano recusa as fronteiras disciplinares fixas justamente porque sua filosofia nasce de uma experiência que não cabe em categorias estanques (Bezerra, 2010, p. 2).

Tal dificuldade de classificação não é um defeito da obra, mas uma de suas marcas constitutivas. Zambrano não pertence inteiramente a nenhuma das correntes filosóficas com as quais dialogou: não é apenas discípula de Ortega y Gasset, não é apenas fenomenóloga, não é apenas filósofa da existência. Ela ocupa um lugar singular na tradição hispânica do século XX, precisamente por ter construído seu pensamento a partir das margens, das fronteiras entre disciplinas e entre culturas. É essa singularidade que torna a leitura de sua obra simultaneamente desafiadora e necessária para quem queira pensar a relação entre vida, linguagem e conhecimento.

Como já foi dito, Maria Zambrano ainda é pouco estudada no cenário atual, ao menos não tanto quanto deveria e merecia. Mas seu nome cresce exponencialmente e, com o tempo, certamente teremos ainda mais estudiosos de seu pensamento. Essa é a tônica da vida da pensadora, bem como de sua filosofia.

O percurso de Zambrano evidencia uma tensão produtiva entre experiência e conceito, entre o vivido e o escrito. Sua obra articula filosofia, poesia e dimensão religiosa não como justaposição de campos, mas como exigência do próprio pensamento diante de uma realidade que a razão abstrata não consegue abarcar integralmente. É nesse sentido que sua contribuição ultrapassa o registro biográfico e se instala como problema filosófico genuíno.

A dicotomia entre Filosofia e Poesia: Origem e reverberação

Após essa breve exposição dos elementos importantes da trajetória de Zambrano, iremos nos debruçar sobre o tema central deste trabalho, ou seja, a relação entre filosofia e poesia. Para realizar essa empreitada, nos pautamos na análise feita pela filósofa em *Filosofia e Poesia*, obra fundamental para nosso contexto. Este escrito de Zambrano foi publicado no México, em 1939, na cidade de Morélia, durante o período de seu exílio. É indispensável destacar que a filósofa escreveu não apenas essa, mas diversas outras obras durante esse período de desterro devida à necessidade constante de produção tanto financeira quanto intelectual. Agora, para o seguimento, é necessário questionar: por que é importante estudar a relação entre essas duas áreas, entre filosofia e poesia? Uma pergunta que iremos tentar responder inicialmente.

A princípio, esses dois campos aparentam dialogar sobre áreas distintas da vida humana. Enquanto a poesia se ocupa com todo o sentimentalismo, o imediato sentir; a Filosofia se lança para o entendimento daquilo que não perece, que, necessariamente, não existe apenas imediatamente. Porém, o que parece ser uma dicotomia de áreas, na verdade, é apenas uma diversidade de visão sobre o mesmo assunto: a vida humana. Em grande verdade, o indivíduo se encontra em momentos diferentes quando conversa com uma dessas duas perspectivas. Se segue andando com a poesia, ele se enxerga morrendo em todos os instantes, ama o que aparece, entregando-se puramente. O poeta morre, pois vive em mundos que se extinguem, cede à realidade material da aparência, mas renasce com cada instante novo, vivendo entregue ao agora, eternizando-se na mudança. Morte e renascimento que culminam em transformação e criação. Já aquele que anda com a Filosofia, aprecia o imutável, se entrega aos conceitos, busca aquilo que permanece e não morre com o momento. De acordo com Zambrano:

[...] é que hoje poesia e pensamento nos aparecem como duas formas insuficientes; e nos surgem duas metades do homem: o filósofo e o poeta. Não se encontra o homem completo na filosofia; não se encontra a totalidade do humano na poesia. Na poesia encontramos diretamente o homem concreto, individual. Na filosofia, o homem em sua história universal, em seu querer ser (Zambrano, 2021, p. 13).

A troca de olhares entre as duas perspectivas é necessária. Isso porque ambas tratam o indivíduo humano de uma forma incompleta, carente de soma. Na Filosofia, o “vir-a-ser” é tão evidente quanto necessário. O ser humano busca incessantemente sua possibilidade, a probabilidade de sua existência permeia sua investigação. Procura-se uma conceituação coletiva dos indivíduos, por outro lado, o mesmo não ocorre com a poesia. O poeta vive o momento aparente, é pura concretização da vida. Por isso, é o “homem concreto” porque não busca uma conceituação de toda a realidade apenas aceita o presente que aparece para ele. De um lado, o indivíduo perece com os momentos existentes, deixando que estes também morram; do outro, ele busca a infinitude desses instantes, perdendo-os em suas mãos. O poeta admira a flor até o dia de sua morte e morre com ela para renascer, já o filósofo busca uma forma de fazer a flor existir para sempre, mas acaba deixando de amá-la no caminho.

Dada a importância de estudar essas duas áreas em consonância, faz-se necessário antes compreender de onde nasceu essa dicotomia entre filosofia e poesia. Esse desentendimento é muito antigo na tradição filosófica, surge ainda na Grécia antiga por meio de Platão, em uma das suas principais obras, a República. Este diálogo, protagonizado por Sócrates, discute, principalmente, a Justiça e como a cidade ideal deve ser construída para segui-la. Um dos fatores essenciais que o filósofo põe como necessário é a presença constante da verdade nos habitantes da cidade, segundo Platão:

Admite, portanto, que se dá o mesmo a respeito da alma. Quando é fixa a olhar naquilo que a verdade e o ser iluminam, compreende-o, conhece-o e mostra que é dotada de inteligência; mas, quando olha para aquilo que está obscurecido, para o que nasce e morre, a sua vista fica embaçada, passa a ter apenas opiniões, indo sem cessar de uma à outra e parece desprovida de inteligência (Platão, 2000, p. 312).

Podemos notar a grande prioridade de Platão em sua filosofia. Aquilo que nasce e morre não está ligado ao que é verdadeiro, é mera aparência. Evidentemente, o filósofo não aceitaria uma arte que se debruça sobre o aparente, sobre o que é passageiro. A verdade deve ser objetivada na melhor cidade possível, sem espaço para meras opiniões, a universalidade é supervalorizada em detrimento daquilo que é particular. Seguindo seu argumento, Platão estabelece que “o imitador não tem nenhum conhecimento válido do que imita, e a imitação é apenas uma espécie de jogo infantil” (PLATÃO, 2000, p. 444). Indo mais além, ele pede que “tomemos como princípio que todos os poetas, a começar por Homero, são simples imitadores das aparências da virtude e dos outros assuntos de que tratam, mas que não atingem verdade” (PLATÃO, 2000, p. 441). Se considerarmos que os imitadores não conhecem nada sobre aquilo que falam e que os poetas não passam de imitadores, então podemos afirmar que a poesia não lida com a verdade, apenas a copia.

Aos olhos de Platão, uma cidade que é guiada pela justiça, não pode ceder espaço a algo que não esteja interessado na busca pela verdade. A poesia, para o filósofo, possui a capacidade de corromper o indivíduo. Toda essa argumentação, demonstrada na obra, serve para fundamentar a ideia inicial expressa por Platão:

O de não admitir em nenhum caso a poesia imitativa. Parece-me mais do que evidente que seja absolutamente necessário recusar admiti-lo, agora que estabelecemos uma distinção clara entre os diversos elementos da alma (Platão, 2000, p. 433).

Na cidade ideal, onde o princípio regulador é o da razão, não há espaço para a poesia. A expulsão dos poetas na *República* inaugura uma tensão que percorre toda a tradição filosófica ocidental. Convém, porém, não reduzir esse gesto platônico a uma simples rejeição da poesia.

Como observa Maria Pereira Vilela-Petit, a relação de Platão com a poesia é ela mesma ambígua: a escrita dos diálogos recorre sistematicamente ao mito, à metáfora e ao drama como recursos de exposição filosófica, o que revela que a expulsão dos poetas opera menos como uma condenação definitiva da linguagem poética do que como uma demarcação dos limites do conhecimento que a mimese pode oferecer (VILELA-PETIT, 2003, p. 51-52). É justamente nessa ambiguidade não resolvida por Platão que Zambrano irá instalar sua proposta.

Vale aprofundar o argumento de Vilela-Petit nesse ponto. A estudiosa observa que Platão, ao escrever seus diálogos em forma dramática, com personagens, cenários e situações concretas, já pratica aquilo que teoricamente condena: uma filosofia que não abre mão de recursos da ficção e da imagem para comunicar suas ideias. *O Banquete* é exemplar nesse sentido, pois o discurso filosófico mais elevado sobre o amor, o de Sócrates, é apresentado como relato de uma conversa com a sacerdotisa Diotima, uma figura mítica. A verdade filosófica, portanto, chega ao leitor embrulhada em narrativa poética. Isso não significa que Platão seja incoerente, mas que a relação entre filosofia e poesia em sua obra é mais porosa do que a expulsão dos poetas na *República* sugere (Vilela-petit, 2003, p. 55-57).

É precisamente essa porosidade que Zambrano vai explorar. Se o próprio Platão não conseguiu prescindir da linguagem poética para filosofar, então a dicotomia entre filosofia e poesia que ele institui não é uma separação definitiva, mas uma tensão que permanece aberta. A proposta zambraniana de razão poética pode ser lida, nesse sentido, não como uma ruptura com a tradição filosófica ocidental, mas como uma radicalização de uma possibilidade que já estava latente em seu fundador. Zambrano não abandona Platão: ela o relê a contrapelo, extraindo da própria ambiguidade platônica o fundamento para uma razão que não teme o contato com a imagem, com o sentimento e com o mistério.

Entretanto, devemos nos perguntar se realmente deve ser assim, será que poesia e filosofia não podem de nenhuma forma se entenderem? A proposta de Zambrano será encontrar um meio termo entre ambos, reencontrar o ponto de interseção, remontar o momento em que ambas se tocam, coexistindo, bem como investigar o momento de sua separação. Deste modo, ela coloca o seguinte:

E assim já vemos mais claramente a condição da filosofia: admiração, sim, pasmo diante do imediato, para arrancar-se violentamente dele e se lançar a outra coisa, a uma coisa que se deve procurar e perseguir, que não nos é dada, que não entrega sua presença [...] Sem indicar por enquanto qual a origem e significação da violência, fica suficiente afirmar que para que certos seres (poetas) daqueles que ficaram presos na admiração originária, no primitivo

thaumazein, não se resignem diante do novo giro, não aceitem o caminho da violência. Alguns dos que sentiram a sua vida suspensa, sua vista enredada na folha ou na água, não puderam passar o segundo momento em que a violência interior faz fechar os olhos à procura de outra folha e de outra água mais verdadeira (Zambrano, 2021, p. 16).

Para Zambrano, tanto a Filosofia quanto a poesia partem do espanto, da admiração. Esta remonta a um evento causado pela existência em ato, vivenciado na realidade que permeia o indivíduo. A raiz do nascimento do filósofo e do poeta é, portanto, rigorosamente a mesma. Ambos surgem do susto ocasionado pelo inusitado, nascem pela apreensão do sentimento admirador do agora. Mas, se ambos vêm do mesmo local de origem, por que representam instâncias tão distintas do ser humano? Pela forma como decidem lidar com essa admiração. O poeta aceita e ama o momento que lhe é dado, um típico fatalista que se entrega até o último raiar daquele instante que se faz poeira. Agarra aquela flor, chora por ela, enterra-a e, por vontade própria e por necessidade sua, joga-se na mesma cova. Em contrapartida, o filósofo é tomado pelo espanto, mas apenas brevemente, ele não permanece no estado em que o poeta se encontra.

Um movimento que Zambrano irá destacar como violento é a saída desse *thaumazein*, ou seja, desse estado de admiração. Tal qual o prisioneiro da caverna de Platão que é liberto com extrema dificuldade e dor, é o filósofo, que realiza um movimento de ruptura com o agora em busca de uma verdade última que não é encontrada no estado de pura admiração daquilo que se apresenta. Essa é a enorme diferença entre essas duas classes existenciais. O poeta transborda, como um copo cheio, e é embriagado pelo objeto existente naquele exato momento. O filósofo não se deixa levar pela beleza de sua existência, ele violentamente se contorce em busca dos objetos como eles são, os objetos “verdadeiros”. É uma procura incessante por aquilo que não aparece aos nossos olhos, por aquilo que vai muito além do que se pode sentir.

Tanto filosofia quanto poesia buscam a verdade, mas esta aparece de maneiras diferentes em ambas. A perspectiva filosófica quer uma verdade universal, que encaixe o todo, completa. Já a visão poética possui uma verdade incompleta, imperfeita, mas reconhece isso. Ela ama a sua verdade imediata, não anseia pelos frutos eternos de uma verdade universal, nem se propõe a isso. Não se busca a verdade na poesia, não se corre atrás, pois ela é dada à medida que se é tomada pela admiração, é um presente, e este é entendido tanto como bonificação quanto como momento temporal. É como a autora diz: “A poesia perseguiu, portanto, a multiplicidade desdenhada, a menosprezada heterogeneidade” (Zambrano, 2021, p. 19). A compreensão dessa distinção de caminhos tomados é fundamental para o seguimento da análise feita pela filósofa, que destaca essa dicotomia presente.

É importante ressaltar que este momento de ruptura está muito bem atrelado ao pensamento de Platão, onde surge essa dicotomia poderosa entre poesia e filosofia. A disputa e dissimetria entre filosofia e poesia se inicia nesse momento, onde o filósofo expulsa a poesia de sua cidade ideal, levando-a para o subúrbio do conhecimento, para as vielas do saber. Ela é acusada de ser uma traidora, pois engana o *logos* com aquilo que é mais próprio dele, a palavra. De acordo com Zambrano:

O logos - palavra e razão - é cindido pela poesia, que é a palavra, sim, porém irracional. É, na realidade, a palavra posta a serviço da embriaguez. E na

embriaguez, o homem é já outra coisa do que homem; alguém vem habitar seu corpo; alguém possui sua mente e mexe sua língua; alguém o tiraniza. Na embriaguez, o homem dorme, cessou preguiçosamente no seu desvelo e já não se esforça na sua esperança racional (Zambrano, 2021, p. 32).

A ideia de embriaguez é extremamente presente nesse cenário construído pela filósofa. É quase uma contradição pensar que a palavra, que deveria ser a materialização da razão, nesse estado apresentado, é puro ato irracional. É aceitação sem nenhuma busca por algo além do momento observado, sem interesse na verdade última, pois o objeto de admiração já é verdadeiro. Assim nasce a poesia e, dessa forma, cresce o poeta, aquele que está disposto a lutar contra o domínio dessa razão excludente, que não admite a entrega, que é violenta. Esse é o caminho de quebra entre a poesia e a filosofia. São geradas no mesmo útero, são irmãs. Todavia, escolhem caminhos diferentes, pois enquanto a poesia se alimenta no seio de sua mãe, a filosofia escolhe a emancipação da maneira mais violenta possível. Com essa diferença enorme, como podemos encontrar uma maneira de reconciliação? É o que Zambrano irá buscar logo em seguida.

Antes de acompanhar Zambrano nessa busca, convém precisar melhor o que ela entende por "embriaguez" poética, pois o termo corre o risco de ser mal interpretado como simples irracionalismo. A embriaguez, no vocabulário zambraniano, não é ausência de pensamento: é uma forma de presença intensa no mundo, uma abertura radical ao que se dá. O poeta não pensa menos do que o filósofo; pensa de outro modo, a partir de dentro da experiência, sem o movimento de distanciamento que a filosofia exige. Nesse sentido, a embriaguez poética é uma postura epistêmica antes de ser um estado psicológico: é a decisão, ou melhor, a incapacidade de recusar, de permanecer no contato direto com o que aparece.

Essa caracterização ilumina por que Zambrano não propõe simplesmente a fusão entre filósofo e poeta. A razão poética não é a soma aritmética das duas figuras: é um terceiro modo de existir no pensamento, que preserva a tensão entre elas sem resolvê-la em síntese definitiva. O filósofo que se converte em poeta perde o fio da busca conceitual; o poeta que se converte em filósofo perde o contato com a vida imediata. O que Zambrano propõe é uma habitação permanente na fronteira entre os dois, um pensamento que aprende a viver na tensão sem precisar resolvê-la. É por isso que a razão poética não pode ser ensinada como um método, apenas exercida como uma prática.

O encontro entre Filosofia e Poesia na obra de María Zambrano: razão poética

Cabe destacar que a autora levanta a poesia muito mais como uma questão ontológica da existência humana do que puramente estética. O indivíduo é carência de agora, entrega imediata. Todavia, deve-se destacar a enorme importância do estilo de linguagem que a poesia carrega consigo em sua maneira de dialogar sobre o mundo e a respeito da nossa relação com ele. Dado a origem idêntica entre filosofia e poesia, bem como a análise do caminho diverso que ambas seguem e a incompletude gerada pelo seu isolamento, faz-se fundamental pensar em uma maneira de reencontrar uma coexistência entre ambas, uma integração dessas duas unidades.

Dessa forma, Zambrano sugere um modelo de racionalidade outro, que se sobressaia à simples compreensão tradicional da razão, que vá além da postulação de tratados filosóficos que elucidam ideias complexas. Ela propõe a integração do

poeta e do filósofo, por meio de uma razão que converse com o sentimento humano, a razão poética. Um conceito muito distinto em sua postulação, já que Zambrano não faz de maneira expositiva, mas demonstra a proposta por meio de sua execução. Nesse contexto, ainda em *Filosofia e Poesia*, a filósofa expressa o seguinte:

O poeta não quer se salvar; vive na condenação e, mais ainda, a estende, alarga, afunda. A poesia é realmente o inferno. O inferno, que é - como séculos mais tarde diria um poeta platônico - "o lugar onde não se espera", é também o lugar da poesia, porque a poesia é o único rebelde diante da esperança da razão. A poesia é embriaguez e só se embriaga quem está desesperado e não quer sair desse estado, quem faz do desespero sua forma de ser, sua existência (Zambrano, p. 33, 2021).

Neste trecho podemos observar a razão poética em ato escrito. A filósofa não está apenas trazendo um argumento de sua teoria, muito mais que isso, ela ressalta em seus escritos um sentimento, ela conversa com o leitor sem a perda do contato com o mesmo. Ela afirma, com essa citação, que o poeta é aquele que se entrega ao espanto pela realidade, declarando-se e fincando sua admiração em êxtase. Além disso, destaca que a poesia é a grande escapada do império da razão, já que, por meio da embriaguez, somos capazes de nos entregar à existência sem a abstração violenta causada pela filosofia. Zambrano estabelece uma compreensão sua sobre a existência humana, a razão, o poeta e a poesia.

A especificidade de *Filosofia e Poesia* não reside apenas no conteúdo de suas teses, mas na forma de sua exposição. Zambrano não deduz a razão poética a partir de princípios: ela a pratica na própria escritura. O uso sistemático da metáfora, a predileção por imagens concretas em lugar de definições abstratas, o movimento entre o autobiográfico e o conceitual, tudo isso constitui não um ornamento retórico, mas o próprio método. Como observa Bezerra, a escrita de Zambrano recusa a separação entre o que se diz e o como se diz, tornando o estilo parte integrante do argumento filosófico (Bezerra, 2010, p. 3).

Cabe, porém, reconhecer uma tensão que o presente artigo não pode ignorar: ao escrever sobre a razão poética em prosa acadêmica convencional, corremos o risco de neutralizar justamente o que tentamos descrever. Isso não invalida o esforço analítico, mas exige honestidade metodológica: a razão poética de Zambrano não se esgota em sua paráfrase, ela exige, em alguma medida, ser experienciada no contato direto com o texto.

Essa exigência de contato direto tem implicações para a própria escrita filosófica. Se a razão poética não se deixa transmitir apenas por paráfrase, então o filósofo que a tematiza se vê diante de uma responsabilidade estilística que vai além da clareza expositiva convencional. Zambrano estava consciente disso. Sua prosa é deliberadamente híbrida: alterna passagens de rigor conceitual com imagens de forte apelo sensorial, intercala análise filosófica com fragmentos quase confessionais. Esse hibridismo não é falta de método: é o método. A forma do texto é inseparável de seu conteúdo porque o conteúdo é precisamente a tese de que forma e conteúdo não podem ser separados.

Neves aponta que essa característica da escrita zambraniana coloca em xeque a distinção acadêmica entre ensaio filosófico e escrita literária (Neves, 2004, p. 40). O que Zambrano pratica é um gênero fronteiro que a tradição universitária tende a desconfiar, justamente porque desestabiliza os critérios habituais de avaliação do discurso filosófico. Um texto zambraniano não se avalia apenas pela coerência de seus argumentos, mas pela qualidade de sua presença, pela

capacidade de criar no leitor uma experiência de pensamento que não se reduz à compreensão intelectual. Isso não significa que o rigor desapareça: significa que o rigor muda de natureza, tornando-se inseparável da atenção à linguagem como tal.

Fernanda Henriques, em seu artigo *A Penumbra Tocada de Alegria: A Razão Poética e as Relações entre a Filosofia e a Poesia* em María Zambrano, estabelece que:

Se o pensamento apenas pode aceder ao que “é”, apenas pode pensar a atualidade, capta o ser mas deixa de fora o que ainda não é mas está em vias de ser, bem como aquilo que foi, ou ainda é mas está em vias de deixar de ser, enfim, despreza tudo o que está em meio caminho. E é coerente que assim seja uma vez que este reino da realidade sem ser não se unifica sob o princípio de não contradição. Este reino descontínuo e não mensurável não se deixa captar através da razão, estritamente (Henriques, 1998, p. 52).

A razão poética não é uma versão enfraquecida ou sentimental da razão filosófica: é um modo de conhecimento que opera por dentro da experiência, sem abandoná-la em direção ao conceito abstrato. Enquanto a razão discursiva procede por distinção e hierarquização, a razão poética avança por imersão, pelo contato direto com aquilo que ainda não tem forma definida. Zambrano a descreve como uma atenção ao que está: “em vias de ser, ao que a razão estrita despreza por não obedecer ao princípio de não contradição” (Henriques, 1998, p. 52).

Há, nesse ponto, uma conexão direta entre a razão poética e a experiência do exílio. O exilado é aquele que perdeu o chão familiar, as referências estáveis, o lugar que garantia a identidade. Nessa condição liminar, a razão que sistematiza e enquadra não basta: é necessário um pensamento capaz de habitar a precariedade, de conhecer sem antes ter classificado. O exílio, portanto, não é apenas um dado biográfico de Zambrano, mas uma figura epistêmica: a condição de quem pensa a partir da margem, sem o conforto das categorias estabelecidas. Como escreve a própria filósofa: “o exílio tem sido como a minha pátria, ou como uma dimensão de uma pátria desconhecida, mas que, uma vez conhecida, é inalienável” (ZAMBRANO apud MUÑOZ, 2006, p. 67). Essa “pátria desconhecida” é também a figura do conhecimento poético: íntimo, mas sem endereço fixo.

A razão se limita àquilo que obedece ao princípio da não contradição. Mas como é possível, por exemplo, analisar uma obra de arte abstrata utilizando apenas a razão tradicional que tenta sistematizar uma problemática para tudo, se esvaindo do agora e se entregando ao “porquê” de todas as coisas? Ou, como exemplo mais simples, como podemos estabelecer critérios para dizer se um filme de comédia é engraçado ou não? Ou quando uma obra de terror assusta? Ou quando um drama emociona? Não se pode estabelecer critérios puramente racionais para isso. A razão, sozinha, não entende esses acontecimentos, não consegue conhecer. Somente pela sumarização com a poesia, com o existir poético, é que se pode entender tais situações.

Dessa forma, quando Henriques diz que: “Se o pensamento apenas pode aceder ao que “é” (...) despreza tudo o que está em meio caminho” (Henriques, 1998, p. 52), ela está deixando claro que a vida humana não é apenas literal, não lida apenas com fatos imediatos, mas existem diversas faces da nossa vida que dialogam entre si. Uma lembrança⁵ da infância não é apenas um acontecimento “x”

⁵ Uma memória da infância está para além da transcrição da memória. Essa memória vai muito além da mera cena construída pela abstração daquele momento, não é apenas palavra, é sentimento. É o significado aplicado pelo indivíduo naquele espaço específico de maneira que os simples

na vida do sujeito “y”. Na verdade, é um fato que acompanha uma história, um sentimento, uma experiência que carrega consigo uma palavra não dita, algo para além do fato literal. É porque precisamos entender esse sentimento que a filosofia carece da poesia e o ofício do filósofo precisa do poético.

A existência humana é carregada de metáforas que escapam das simples tentativas de formalização filosófica. Em lógica, por exemplo, quando digo que eu amo alguém, posso simplesmente escrever com “aRb”⁶, mas isso não descreve em nada o meu sentimento por esse alguém. Essa “verdade verificável” nada mais é do que um jogo de sinais que nada diz sobre o sentimento, não revela verdade nenhuma. Essa formalização lógica que muitas filosofias propõem acaba perdendo o vínculo sentimental, que é próprio do indivíduo humano. Por esse motivo, o pensamento de Zambrano se faz fundamental, pois o ser humano não pode existir somente em uma razão morta, mas sim em uma Razão Poética, que une a admiração ao conhecimento.

A filósofa espanhola concebe, em sua teoria, que a realidade não era somente o aparente, existe, de certa forma, um mistério nos acontecimentos do mundo. Em *El hombre y lo divino*, ela destaca que:

(...) A realidade não é um atributo nem uma qualidade que convém a algumas coisas e a outras não; é algo anterior às coisas. É uma irradiação da vida que emana de um fundo de mistério; é a realidade oculta, escondida (Zambrano, 1973, p. 32 - 33, tradução nossa).⁷

Este é o diálogo que a poesia estabelece com a realidade, tocando naquilo que a filosofia sozinha não pode alcançar, no mistério da existência humana. Portanto, a razão poética consegue lidar com aquilo que é mostrado, bem como com aquilo que está conjugado ao que aparece, mas que não conseguimos ver de imediato.

A noção de mistério em Zambrano merece atenção especial, pois é ela que ancora a razão poética em uma dimensão que vai além da estética. Quando a filósofa afirma, em *El hombre y lo divino*, que a realidade “emana de um fundo de mistério” e que é “a realidade oculta, escondida” (Zambrano, 1973, p. 32-33), não está fazendo uma afirmação teológica no sentido dogmático, mas apontando para o fato de que a experiência humana encontra sempre um limite onde a explicação racional se torna insuficiente. Esse limite não é uma falha do pensamento: é a marca de uma realidade que excede qualquer tentativa de totalização conceitual. A razão poética é exatamente a forma de conhecimento que não recua diante desse limite, mas o habita.

apontamentos do por que sinto saudade desse acontecimento, não são suficientes para abraçar toda a gama da experiência referente ao acontecimento. A nostalgia não consegue ser entendida e conhecida somente pela razão, mas é necessário que se tenha um envolvimento com o momento imediato lembrado. A palavra literal não me permite falar da minha nostalgia, mas apenas da minha lembrança. O sentimento se perde na transcrição literal, por isso a razão carece de poesia, de metáfora. Portanto, para o entendimento humano, precisamos da razão poética estabelecida por Zambrano.

⁶ O símbolo “R” é utilizado em lógica para representar uma relação entre dois objetos. Dizer que um sujeito “a” ama um sujeito “b” é o mesmo que dizer que “a” está em uma relação “R” com “b”, ou seja, “aRb”. Evidentemente que são termos muito gerais e puramente formais, o que acaba gerando um distanciamento da relação evidenciada.

⁷(...) La realidad no es atributo ni cualidad que les conviene ; unas cosas sí y a otras no: es algo anterior a las cosas, es una irradiación de la vida que emana de un fondo de misterio; es la realidad oculta, escondida (Zambrano, 1973, p. 32 - 33).

Há aqui uma afinidade que a própria Zambrano reconhece entre sua proposta e a tradição mística espanhola. A linguagem dos místicos opera precisamente nesse registro: diante do inefável, a palavra não desiste, mas muda de registro, tornando-se metáfora, imagem, paradoxo. Zambrano seculariza esse gesto: retira a razão poética do contexto exclusivamente religioso e a propõe como modo geral de acesso àquilo que resiste à formalização. Como ela mesma enuncia em *Filosofia e Poesia*, a poesia não persegue a verdade universal do conceito, mas "a multiplicidade desdenhada, a menosprezada heterogeneidade" (Zambrano, 2021, p. 19). Essa heterogeneidade é precisamente o que o mistério nomeia: a dimensão plural e irreduzível da existência que a razão discursiva tende a apagar em nome da coerência.

Esse movimento de abertura ao mistério tem consequências filosóficas precisas. Em primeiro lugar, ele implica uma crítica ao modelo de racionalidade que estabelece a clareza e a distinção como critérios exclusivos do conhecimento verdadeiro. Para Zambrano, essa exigência não é neutra: ela opera uma exclusão sistemática de tudo aquilo que não se deixa iluminar completamente, ou seja, de tudo que é vida em sua dimensão mais concreta e singular. Em segundo lugar, a razão poética implica uma revalorização da linguagem não como instrumento transparente do pensamento, mas como o lugar onde o pensamento acontece, onde o mistério se articula sem se dissipar. A palavra poética não traduz uma ideia preexistente: ela a cria no ato mesmo de dizê-la.

Considerações finais

O percurso traçado ao longo deste artigo permite afirmar que a razão poética de Zambrano não é um conceito periférico em sua obra, mas o núcleo de uma proposta filosófica coerente e original. Partindo da constatação de que tanto a filosofia quanto a poesia nascem do mesmo *thaumazein*, do espanto diante do mundo, Zambrano identifica na separação violenta que o filósofo realiza ao abandonar esse estado de admiração a origem de uma dicotomia que empobrece o pensamento. A expulsão dos poetas na *República* de Platão é o momento fundador dessa separação, mas, como vimos, o próprio Platão não conseguiu sustentar em sua escrita a rigidez que instituiu em teoria.

A razão poética surge como resposta a esse empobrecimento. Ela não dissolve a razão filosófica, mas a obriga a se reconhecer incompleta: a reconhecer que há dimensões da existência humana, o mistério, a heterogeneidade, o que está em vias de ser, que só se deixam conhecer por dentro, pelo contato direto que a linguagem poética torna possível. O exílio de Zambrano é, nesse sentido, mais do que um dado biográfico: é a condição que tornou possível uma filosofia que pensa a partir da margem, sem o conforto das categorias estabelecidas.

O fato de que esse pensamento ainda seja pouco estudado no Brasil é uma lacuna que precisa ser preenchida. Trabalhos como este, desenvolvidos no âmbito da graduação em filosofia, são um passo necessário nessa direção: não apenas para divulgar o pensamento zambraniano, mas para colocar em prática, no próprio gesto de escrever sobre Zambrano, algo do que ela propõe. Pensar com rigor sem renunciar ao contato com a experiência. Filosofar sem deixar de sentir.

Referências

- BEZERRA, C. C. **Filosofia e poesia em María Zambrano**. Odisseia, RN, nº 6, p. 1-7, Jul. - Dez. 2010.
- HENRIQUES, Fernanda. **A penumbra tocada de alegría: A razão poética e as relações entre a filosofia e a poesia em María Zambrano**. *Philosophica* 11, Lisboa, p. 49-61. 1998.
- MUÑOZ, J. F. O. **Biografía de María Zambrano**. Málaga: Editorial Arguval, 2006.
- NEVES, M.J. **Filosofia e Poesia em María Zambrano**. Ex Aequo, nº 9, Oeiras, 2004.
- PLATÃO. **República**. 3 ed. Belém: EDUFPA, 2000.
- VILLELA-PETIT, M. P. **Platão e a poesia na República**. Kriterion, Belo Horizonte, nº 107, p.51-71, Jun. 2003.
- ZAMBRANO, María. **Carta sobre el exilio**. Paris, jun. 1961.
- ZAMBRANO, María. **El hombre y lo divino**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica. 1973.
- ZAMBRANO, María. **Filosofia e poesia**. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2021.

Recebido em: 05/2026
Aprovado em: 05/2026